

Telejornalismo e (re)produção do conhecimento no Brasil¹

Iluska Coutinho²

Resumo: Principal meio de informação de significativa parcela da população brasileira, os telejornais atuam como (re)produtores de conhecimento, socializado a cada edição. A proposta é refletir sobre a natureza do conhecimento veiculado nos noticiários televisivos, assim como sobre as características de produção e circulação da informação na televisão, mídia que teria centralidade na sociedade brasileira. Apesar das críticas constantes à falta de profundidade dos relatos televisivos, as narrativas apresentadas nos telejornais possuem legitimidade entre diversos grupos sociais e ajudam a construir e ordenar seus sentidos. Questiona-se a possibilidade de existência de um telejornalismo interpretativo em formatos de edição e construção do conhecimento diferenciados.

Palavras-chave: teorias da comunicação; telejornalismo; epistemologia

Abstract: Central medium of information for a significant part of the Brazilian population, the television news act as knowledge (re)producers, socialized in each edition. The proposal is to reflect on the nature of the knowledge transmitted through television news sections, as well as on the characteristics of production and circulation of the information in television, a medium that would be central in Brazilian society. In spite of the constant critics regarding the lack of depth in television news, their narratives possess legitimacy among several social groups and help to build and to order their meanings. The possibility of existence of an interpretative tele-journalism is questioned in edition formats and construction of differentiated knowledge.

Key-words: communication theories; tele-journalism; epistemology

Para além do convite ao lazer, ou de sua vocação ao entretenimento, a televisão também se constitui no Brasil em um importante instrumento de informação, de acesso ao mundo por meio de seus sons, textos e imagens exibidas na tela. Essa é a premissa fundamental, quase crença, do telejornalismo, gênero televisivo que pertence à categoria Informação, e de muitos que têm esse tipo de programa como sua principal forma de orientação no mundo.

¹ Artigo apresentado no 1º. Colóquio “Comunicação e conhecimento”, do Projeto “Crítica Epistemológica: Análise de investigações em curso, com base em critérios epistemológicos, para desenvolvimentos reflexivos e praxiológicos na pesquisa em Comunicação” (Procad / Capes, 2008: PPGCOMs da Unisinos, UFJF e UFG), realizado dia 06 de novembro de 2008, no VI Encontro Regional de Comunicação da UFJF.

² Professora (PPGCOM/UFJF). Mestre (UnB) e doutora em Comunicação (Umesp), com estágio doutoral na Columbia University. Integra a Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (SBPJor) e realiza pesquisa sobre “A incorporação do Público no Telejornalismo”, com financiamento do CNPq. Participa do projeto Procad/Capes descrito na nota anterior.

Bucci destaca a importância da informação na televisão recuperando um conceito de Habermas, o de espaço público, esfera das trocas, discursivas sobretudo, do debate de idéias e da argumentação. Ao eleger a televisão como um dos objetos de destaque na crítica da cultura, Eugênio Bucci relaciona o espaço público no Brasil com os limites definidos pela TV: “Ele se estende de trás para diante: começa lá onde chegam a luz dos holofotes e as objetivas das câmeras; (...) o que é invisível para as objetivas de TV não faz parte do espaço público brasileiro” (BUCCI, 1997, p. 11).

Assim como Hamburger (1988), Bucci defende a televisão, mais que um veículo, atuaria como um ambiente, uma ideologia capaz de integrar diferentes expectativas, desejos, e ainda aliviar tensões em um imaginário nacionalmente construído. A importância da TV se tornaria ainda maior no Brasil em função dos altos índices de analfabetismo e subdesenvolvimento, sendo sua influência maior em situações de pobreza, econômica e cultural.

Nesse caso os limites, bidimensionais, da tela de televisão, constituiriam o espaço onde o país se informa e se localiza no mundo. Entendida como assembléia permanente da nação, a televisão definiria inclusive um modo, real, de observar o mundo, dando legitimidade ao que exhibe em sua tela: “(...) fora da TV, talvez seja muito improvável encontrar algum Brasil para ser visto” (BUCCI, 1997, p. 14).

Arbex Júnior, na tentativa de conceituar *Showrnlismo*, avalia que a influência e a importância da televisão no Brasil estão relacionadas com o fato de nossa cultura privilegiar a percepção visual como fonte de conhecimento, no caso da TV com as vantagens oferecidas pelas tecnologias de captação, edição e transmissão de imagens.

(...) a televisão, com o seu aparato tecnológico cada vez mais aperfeiçoado, reivindica para si a capacidade de substituir com vantagem o olhar do observador individual. Diversas câmaras postadas em lugares distintos podem captar um número maior de imagens – ou a mesma imagem segundo vários ângulos –, com muito mais detalhes e maior precisão do que é facultado ao observador individual (ARBEX JÚNIOR, 2001, p. 34).

É nessa perspectiva que ganha relevo a proposta de investigação de uma epistemologia do telejornalismo (Ekstron, 2002), ou seja, do conjunto de regras, rotinas e procedimentos institucionalizados que estruturam uma forma particular de produção de conhecimento, o conhecimento social da realidade via tela de televisão, e também os recursos e estratégias que legitimam esse conhecimento, (tele)jornalisticamente produzido.

A partir do roteiro de estudos estabelecido por Mats Ekstron (2002) propõe-se uma reflexão sobre quais seriam as bases que estruturariam a epistemologia do telejornalismo brasileiro, cuja centralidade no processo de produção de (re)conhecimento social não encontraria paralelo com as experiências que deram suporte empírico a abordagens teóricas americanas e/ou européias. Essa epistemologia incorporaria três aspectos distintos: 1) a caracterização do tipo de conhecimento produzido, oferecido via telejornais; 2) o desvendamento das noções ou estratégias que fundamentam essas práticas de produção de conhecimento, telejornalístico e 3) o processo de aceitação e reconhecimento do público.

Sobre a caracterização do conhecimento oferecido via telejornalismo no Brasil

Ao tratar de forma mais específica do telejornalismo, ou telenoticiário, para garantir a precisão da terminologia empregada pelo autor, José Arbex se refere a relações que ganham complexidade com a criação dos conglomerados de comunicação, em finais da década de 80. Dessa forma, a lógica do jornalismo em televisão seria determinada pelo relacionamento de cada emissora com o sistema político, econômico e financeiro em que se insere, convertendo o telejornalismo em peça política.

No caso brasileiro, ressalta o autor, sua importância no jogo político seria ainda maior na medida em que “A fonte principal de informação, no Brasil, é a televisão. Se isso é assim em todo o mundo, aqui a disparidade atinge níveis excepcionais. De fato, o Brasil situa-se na 102ª posição com relação a número de exemplares de jornal por habitante, 1/23, enquanto na Grã-Bretanha, por exemplo, esse índice é de ¼”. (ARBEX JÚNIOR, 2001, p.264).

Rezende radicaliza o papel da TV no processo de informação da sociedade brasileira: “Ela desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento de grande parcela da população.” (REZENDE, 2000, p. 23). A função social do telejornalismo, no caso do Brasil, ganharia maior relevância pelo fato de atingir um público semi-alfabetizado e que tem acesso às notícias quase como um rito de passagem televisivo, senha ou passaporte para o consumo das telenovelas. Para Rezende, é exatamente a existência desse “telespectador passivo” que amplia a importância do jornalismo de televisão, forma de democratizar as informações em uma cultura em que a oralidade mantém seu predomínio sobre a escrita.

Ainda que não disponha dos instrumentos de acesso ao jornal impresso, o telespectador entra em contato, por meio dos telejornais, com os fatos mais importantes, segundo os critérios de avaliação jornalísticos. É fundamentalmente ao assistir aos noticiários televisivos que significativa parcela da população entra em contato com o mundo e “abastece” seu repertório com informações e notícias capazes de possibilitar sua inserção nas conversas cotidianas e mesmo sua orientação no tempo “presente”.

Umberto Eco ressalta outra função ou uso das informações disponíveis nos telejornais. O que ele define como informação do presente ofereceria ao telespectador uma espécie de garantia de liberdade: “saber o que está acontecendo faz-me sentir co-responsável pelo acontecimento” (ECO, 1979, p. 355). Para o autor, a comunicação jornalística na TV baseia-se na novidade, razão pela qual seriam as transmissões ao vivo que, para Eco, estabeleceriam o diferencial do telejornalismo.

Características de cada mídia à parte, o fato é que o gênero telejornalismo ganha destaque não apenas em sociedades em que significativa parcela da população não tem acesso à educação formal, registrando altos índices de analfabetismo, absoluto ou funcional, como no Brasil. Afinal, como afirma Rui Cádima, a informação televisiva “(...) é ainda, na maior parte das vezes, a principal ou a única fonte de informação sobre a realidade do mundo contemporâneo para o “grande público”. (...) seu discurso se

apresenta, inclusivamente, como legitimador de uma nova ordem do mundo através da televisão” (CÁDIMA, 1995, p. 130).

No jornalismo de televisão os códigos de imagens, texto e sons não se somariam, mas constituiriam uma espécie de “amálgama” que teria como diferença em relação ao cinema, meio do qual para muitos a TV seria tributária, o fato de se constituir em uma narrativa do cotidiano, com uma imagem do presente. Além disso, o jornalismo de televisão ofereceria como uma espécie de vantagem competitiva, em relação aos outros veículos, o chamado “efeito de presença”.

Vizeu e Correia (2008) reafirmam a necessidade de refletir sobre o conhecimento do (tele)jornalismo, e sua natureza, ao pensar a construção de uma epistemologia do telejornalismo. Para eles o jornalismo, como forma de conhecimento, teria quatro funções: exotérica, pedagógica, de familiarização e de segurança. A primeira função estaria relacionada a um compromisso com o público, o de tornar compreensíveis discursos antes restritos ao saber especializado, enquanto a função pedagógica estaria relacionada ao ordenamento do discurso (e do mundo, seria possível completar) de forma a orientar e responder ao telespectador. As duas últimas funções elencadas estariam reunidas no conceito de lugar de referência: “(...) conceito que entendemos dar uma dimensão mais ampla ao jornalismo como uma espécie de lugar de orientação nas sociedades complexas a que homens e mulheres recorrem para o bem e para o mal” (Vizeu e Correia, 2008, p.19).

Se a informação tradicional era de ordem histórica, o homem da era “visual” em contato com as notícias televisivas passa a ter contato com uma grande massa de informações, fragmentadas, sobre os fatos do presente, que o induzem a uma compreensão, apenas, intuitiva da realidade, e reduzindo sua vigilância, ou melhor repassando esse papel ao telejornal, que teria de acordo com Vizeu uma “função de segurança”, e referência na cotidianidade. Em outras palavras, ordenadas seguindo o ritmo e a narrativa televisual, as notícias nos telejornais atuariam como sistemas peritos tal como descrito por Giddens.

Mas em termos mais concretos, qual seria a característica desse conhecimento, acerca do mundo³, que é (re)produzido no âmbito dos telejornais? Qual a sua estrutura narrativa, sua forma de “diálogo”⁴ com seus interlocutores?

Quer seja como simulação ou ainda diante da impossibilidade absoluta de adesão ao modelo do jornalismo como construção objetiva da realidade, o conhecimento nos telejornais é produzido e difundido por sujeitos, que têm ou buscam construir laços de

³ Em um trabalho que é considerado referência para a constituição do campo teórico do Jornalismo, Robert Park estabelece distinções entre o conhecimento de um assunto, com um caráter mais teórico, aprofundado, e o conhecimento acerca de, mais próximo da percepção imediata, do âmbito da experiência, com forte marcação temporal.

⁴ As aspas se justificam na medida em que, como programas veiculados em uma mídia de massa, os telejornais seriam caracterizados pela emissão de uma mensagem unidirecional. Contudo, quer como estratégia discursiva, ou ainda pela necessidade de alterações de seus formatos a partir da inserção na sociedade também de mídias de demanda, como a web, os noticiários de televisão vêm incorporando o público na sua narrativa. O telespectador surge ora como ator das histórias narradas a cada edição, ora como proponente das temáticas a serem convertidas em notícias.

empatia, e afinidade, com o telespectador. Ao invés da narrativa impessoal do jornalismo impresso, por exemplo, na televisão a informação é difundida também com marcas de expressão facial e/ou tonais. Em outras palavras o conhecimento telejornalístico tem sons (re)conhecidos por aqueles que à ele se expõem, tem rosto(s), o(s) do(s) repórter(es).

constituído de diferentes construções: a construção (redação) do texto em si, a construção da imagem ou seqüência de imagens e a própria construção da fala, na medida em que a “entonação” dada a cada matéria, a cada frase, oferece diferentes possibilidades de interpretação. Cada matéria passa pelo tratamento pessoal ou personalizado (ainda que sempre obedecendo a um padrão de qualidade) do repórter, que vai até o fato e ‘conta’ uma história ou a sua versão do fato” (TEMER, 2002, p. 229).

A existência de uma dramaturgia do telejornalismo, uma estrutura narrativa característica do drama nas notícias televisivas, seria favorecida por uma tendência intrínseca ao veículo, à sua forma de ordenamento das informações: a serialidade. Para Cádima “(...)uma aproximação analítica, histórico-cultural, da informação televisiva levar-nos-á a considerá-la essencialmente na sua dimensão predominante, (...) na retórica política, hierarquizada e serial que daí emerge” (CÁDIMA, 1995, p. 131). Segundo o autor, na TV a informação seria tratada não pela pertinência ou pela singularidade do assunto, mas pelo efeito de série, que contagiou de fato o *medium*. Organizado segundo a lógica da televisão, a estrutura do telejornalismo tenderia a serialidade.

Mais que notícias e relatos do mundo, a televisão comunicaria aos telespectadores, continuamente, a sua presença, pela simulação do contato direto. No caso do jornalismo, é interessante acrescentar, essa “ilusão” ganha força na medida em que apresentadores, repórteres e entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador, em um simulacro do olho-no-olho que garante a proximidade, e que marca uma distinção à direção do olhar dos atores em cena na narrativa ficcional. Assim, ao contrário do foi anunciado por Adorno, o narrador estaria vivo a cada edição de telejornal, cada notícia narrada aos telespectadores, dando forma dramatizada ao conhecimento sobre o mundo.

Mas em que medida essa estrutura narrativa, hegemônica em emissoras brasileiras locais e nacionais, comerciais e públicas, contribui para a (re)produção e oferta de conhecimento social, que dialogue com o público? Qual é a natureza do conhecimento ofertado via telejornais? Para responder a essa questão optou-se por revisar pressupostos de dois autores centrais para a chamada Teoria do Jornalismo no Brasil, Adelmo Genro Filho e Luiz Beltrão.

Adelmo Genro Filho, na obra clássica *O Segredo da Pirâmide* defende que o Jornalismo deveria ser entendido como uma forma de conhecimento da realidade. O autor critica o que considera as três concepções teóricas sobre o jornalismo. Na primeira delas, que ele denomina de “generalidade abstrata”, a atividade de informar seria vista apenas como uma forma de comunicação, o que em sua avaliação não seria capaz de captar o que é específico ou concreto do Jornalismo. Genro Filho também critica as perspectivas funcionalista e a abordagem crítica, esta última por ver o jornalismo apenas como um instrumento de reforço da ordem vigente.

Genro Filho vai buscar na filosofia as referências para a concepção do Jornalismo como “uma forma social de conhecimento”. Por meio da apropriação das categorias

referência *Singular, Particular e Universal*, ele considera que a força do Jornalismo seria precisamente a singularidade. Isso porque, de acordo com o autor, seria por meio das características do fato, de seus detalhes que seriam recuperados pelos repórteres, é que seria possível montar um quadro semelhante com a percepção imediata dos indivíduos, construir narrativas próximas da maneira como os receptores da informação veiculada pelos meios de comunicação de massa desvelam as coisas que vêm ao seu redor, com que leitores e telespectadores conhecem a realidade à sua volta.

Como uma forma de conhecimento cristalizado no singular, numa época em que o gênero humano se tornou um todo interdependente, formando um só sistema em virtude do capitalismo e da globalização, o Jornalismo cumpriria um papel semelhante ao papel que cumpre a percepção individual da singularidade dos fenômenos – em que cada indivíduo conhece apenas o que acontece à sua volta – ampliando a visão dos cidadãos, leitores, por meio do envolvimento dos repórteres, que presenciariam os acontecimentos, e os multiplicariam depois por meio da redação de textos noticiosos.

Genro Filho salienta ainda que, como toda forma de conhecimento, o Jornalismo pressupõe também um posicionamento do sujeito (repórter, projeto editorial do veículo) diante do objeto (realidade a ser apurada). No caso do telejornalismo há a entrada em cena do repórter e seus tons de voz, embora a estrutura narrativa característica do noticiário transfira para os entrevistados o papel de oferecer aprofundamento da informação, por meio de depoimentos da experiência vivida em determinada situação, forma particular de incorporação da voz do cidadão comum (conhecimento acerca de), e ainda pelo recurso à fala especializada, de cientistas e representantes da iniciativa privadas, especialmente (conhecimento de).

Assim, por meio do uso intensivo e quase exclusivo de entrevistas como forma de apuração da realidade a ser noticiada, os repórteres não teriam condições de construir uma narrativa informativa com tantos elementos quanto àqueles comuns a percepção da realidade imediata pelos indivíduos. Desta forma, ao invés de se constituir em conhecimento social da realidade, o Jornalismo experimentado pelos telespectadores seria capaz apenas de apresentar alguns vozes e/ou sinais de fontes que teriam participado do fato, sem a garantia de credibilidade ou consolidação destas informações. Para além dos elementos complicadores no que diz respeito ao aspecto ético e/ou de isenção das informações apresentadas os resultados obtidos reforçam a perspectiva de que haveria uma carência de aprofundamento dos relatos apresentados. Em outras palavras, em um mundo caracterizado cada vez mais pela complexidade, os produtos jornalísticos disponíveis ofereceriam reconstruções dos fatos limitadas a um conhecimento superficial, do domínio do senso comum. Desta forma, informados (será mesmo?) pelos telejornais os cidadãos não teriam elementos para (re)conhecer de forma crítica e autônoma o mundo ao seu redor.

Fruto de uma forte seleção, a dimensão da notícia televisiva é limitada por exigência de tempo, espaço a ser ocupado no fluxo audiovisual. Assim, cada notícia em TV deveria ser oferecida em pacotes informativos com cerca de 90 segundos (um minuto e meio), sendo possível a ampliação desses limites em casos excepcionais, ou de excepcional interesse e atração da audiência.

Para Calabrese e Volli, a informação jornalística na televisão é constituída por fragmentos da realidade, cuja lógica de montagem seria definida pela organização de um texto com características que remetem à oralidade. Para se constituir em um desses fragmentos, um fato deveria ser marcado por uma forte unicidade, ou ser componente de uma grande narrativa, ter impacto passional muito forte ou ainda ser apresentado de forma muito espetacular, parâmetros que definiriam os quatro critérios de noticiabilidade em televisão.

(...) a notícia televisiva é um elemento bastante variável. Não se trata de uma variabilidade apenas formal: do tipo do discurso onde se insere, da sua colocação numa escala, do tom e do ritmo como é pronunciada, do suporte da imagem, o mesmo fato que determina sua unidade também assume valores e características diferentes. Dizemos tudo, para depois negar uma interpretação muito desviante da informação: de que se entende a notícia como um espelho objetivo da realidade (...) interpretar a notícia como simples reflexo do mundo real significa idealizar o concreto, tratá-lo de modo abstrato, senão mitifica-lo completamente (CALABRESE & VOLLI, 2001, p. 189).

O formato série de reportagem, para utilizar o termo com que os apresentadores dos telejornais da Rede Globo⁵ anunciam este tipo de material jornalístico, se aproximaria de uma espécie de novela informativa, em que cada capítulo possibilitaria o aprofundamento de um tema ou aspecto da realidade retratado na TV. Esse é o caso do conjunto de reportagens exibidas em 2004 no Jornal Nacional sobre as festas realizadas em homenagem aos três santos católicos do mês de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro).

Na série de reportagens exibida pelo Jornal Nacional a *Identidade Brasil* é popular, anônima e com sotaque, nordestino como o de milhares de migrantes que um dia partiram em busca do sucesso no sudeste e que hoje constituem um público a conquistar entre os telespectadores de São Paulo. E se as festas juninas do Nordeste mereceram quase vinte e um minutos de edição do Jornal Nacional ao longo da semana, no telejornal veiculado na maior cidade da América Latina, a TV Globo São Paulo conta com um repórter-personagem, Márcio Canuto, um nordestino que não abre mão de seu sotaque (COUTINHO, 2004).

Esse tem sido um formato também utilizado com frequência nas reportagens relacionadas à temática de Saúde, assim como naquelas que tratam de Eleição e Direitos do Consumidor, nessas quase sempre as narrativas do telejornal assumem um tom didático, veiculando a cada dia/capítulo parte do conhecimento a ser repassado aos telespectadores.

Certo é que para além das aproximações no ritual de exibição com outro gênero televisivo campeão de audiência no Brasil, as telenovelas, a apresentação de reportagens em série poderia se constituir em alternativa para as limitações do espaço-tempo televisivo. Em outras palavras, o formato série de reportagem televisiva poderia ser uma possibilidade para a prática de um telejornalismo interpretativo, na medida em que o

⁵ Na verdade não apenas dessa emissora, destacada aqui pelo fato da série de reportagem de que tratamos neste artigo ter sido exibida no Jornal Nacional, programa veiculado no horário nobre global.

tempo total de exibição dos capítulos seria uma forma de buscar o aprofundamento em narrativas que, pela sua brevidade, seriam de acordo com muitos superficiais.

Jornalismo interpretativo na TV: uma releitura da proposta desenvolvimentista

Luiz Beltrão é autor do trabalho de referência sobre Jornalismo Interpretativo no Brasil. Considerado por Marques de Melo como pioneiro e “(...) grande incentivador da orientação técnico-editorial para os cursos de jornalismo” (2006, p. 25), ele caracteriza o jornalismo interpretativo como resultado de um trabalho de grupo coordenado, de forma a oferecer ao cidadão a informação em toda a sua integridade. “Jornalismo interpretativo entendido como a informação que sem opinar, coloca diante da massa o quadro complexo da situação da atualidade” (BELTRÃO, 1975, p.50).

Apesar da referência ao termo massa Luiz Beltrão recusa a compreensão do receptor como um tipo padrão, “alienado e servil”. Para o autor a exigência de produção jornalística interpretativa, informação em quantidade e qualidade de forma a propiciar ao receptor a capacidade de interpretação da realidade seria uma prova “(...) da queda da última barreira oposto à plenitude da comunicação” (BELTRÃO, 1975, p. 51). É importante ressaltar que o tempo e espaço como barreiras já vencidas, na análise do autor, se aplicam aos fazeres jornalísticos na mídia impressa. Não por acaso Beltrão considera a imprensa como meio preferencial para a adoção do jornalismo interpretativo.

No caso da televisão os limites para o tempo de produção/ veiculação de uma reportagem ainda se constituíam em complicadores para um espaço mais próximo do jornalismo interpretativo. Nessa perspectiva, a reflexão proposta nesse artigo é a de avaliar em que medida as ampliações operadas ao veicular uma série de reportagens, com um tempo total significativo se somados os capítulos, se aproximariam das dimensões extensiva e intensiva implicadas no fazer jornalismo interpretativo para Beltrão (1976).

Certo é que a proposta do jornalismo interpretativo, seja em mídia impressa ou televisiva, envolve a crença na participação dos meios de comunicação de massa em um processo de caráter mais formativo, capaz de autonomizar o público. Este, ao entrar em contato com as mensagens do jornalismo interpretativo, poderia interpretar a realidade e sobretudo agir sobre ela, de forma a buscar sua melhoria. É nesse sentido que acredita-se que o telejornalismo interpretativo poderia representar uma releitura da proposta de comunicação para o desenvolvimento.

Com estudos que tiveram seu auge nos anos 60, a proposta desenvolvimentista, aplicada à comunicação, deu origem a uma espécie de sub-área nos estudos dos veículos, e de suas relações com a sociedade. A sub-área Comunicação para o Desenvolvimento poderia ser definida como um espaço para a realização de estudos que investigavam e/ou relacionavam a existência de veículos de comunicação de massa com o processo de desenvolvimento de determinado país e/ou região. Interessava a estudiosos como Daniel Lerner e Wilbur Schramm, cujas pesquisas estão relacionadas a história dessa sub-área, investigar o poder dos media no processo de desenvolvimento nacional.

Assim em termos mundiais essa sub-área de estudos é “atravessada” por temáticas como: modernização, difusão de modelos / saberes, comunicação internacional, subdesenvolvimento. O enfoque, sempre, se refere ao papel e/ou impacto dos meios de comunicação de massa em processos que algumas vezes tem enfoque econômico e noutras do chamado desenvolvimento social positivo.

No Brasil, um país “em desenvolvimento”, ao contrário do que possa parecer é difícil evidenciar a existência de uma sub-área definida dessa forma. Os estudos aqui têm privilegiado a perspectiva da Comunicação Rural, muitas vezes sob o enfoque da utilização dos meios de comunicação de massa para difusão de conhecimento e cultura. Outro corte também poderia ser estabelecido na sub-área Comunicação e Educação. Talvez por se tratar de um país em que o sistema educacional ainda careça de desenvolvimento, e consolidação, em que as ações de educação são vistas especialmente como ações de desenvolvimento social, é comum encontrarmos em programas, revistas, grupos de trabalho de Comunicação e Educação, estudos que tem como objeto exatamente a relação entre comunicação e/ou media e desenvolvimento, tal como estabelecida nas premissas da sub-área aqui destacada.

De acordo com essa abordagem os telejornais são com frequência criticados pela superficialidade de suas emissões, pela maneira espetacularizada de transmitir informações, que estaria em direção oposta a um trabalho de caráter mais formativo, com vistas ao desenvolvimento social. Apesar dessas (re)conhecidas críticas, a proposta aqui é refletir sobre a possibilidade de informação de maneira mais aprofundada, e plena, ainda que veiculada em série, de acordo com alguns atributos desse veículo. Afinal uma mensagem informativa, como já alertava McLuhan, tem características que são intrínsecas ao meio no qual é veiculada.

Também na perspectiva de novos usos possíveis dos meios de comunicação, apesar das críticas à sua fragmentação e espetacularização, as emissões televisivas – entre as quais se incluem os telejornais - recentemente têm sido alvo de demandas, quer seja da sociedade civil organizada, das instituições públicas ou dos críticos. É como se agora, entre um intervalo comercial e outro, o veículo tivesse readquirido seu papel, dentro dos moldes da proposta desenvolvimentista.

Nos telejornais as matérias de cunho educativo, algumas vezes ancoradas em fatos recentes, mas não necessariamente, têm recebido lugar de destaque. Os chamados *fait-divers* parecem estar sendo revistos, com a adição de características que permitam a “transmissão”, para usar uma terminologia que no âmbito dos estudos de comunicação remonta ao surgimento da proposta desenvolvimentista, de valores ligados à saúde, vida em sociedade, não-preconceito.

Nesse processo um elemento importante é a utilização do recurso das reportagens seriadas, que a cada dia ocupam mais espaço nos telejornais brasileiros. As grandes matérias, antes restritas ao Globo Repórter, aos poucos ganham a cena diária dos telejornais, embora “divididas” em capítulos. Inicialmente a utilização desses recursos estava restrita a matérias investigativas e a produções capazes de elevar a audiência da

emissora⁶, seja pelos riscos ou custos envolvidos em sua realização. Nos últimos anos, a serialização de reportagens se popularizou entre diferentes emissoras de TV aberta e alcançou assuntos que costumavam ser negligenciados no noticiário televisivo, como a questão político-eleitoral, para citar um exemplo atual⁷.

Referências

- ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo*. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997
- CÁDIMA, Francisco Rui. *O fenómeno televisivo*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- CALABRESE, Omar & VOLLI, Ugo. *I telegiornali: istruzioni per l'uso*. Roma: Gius. Lateza & Figli Spa. 2ª edição, 2001
- CASETTI, Francesco; CHIO Federico di. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Barcelona: Paidós, 1999.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV*. Tese de doutorado (Umesp). São Bernardo do Campo, SP, 2003.
- DAYAN, Daniel & KATZ, Elihu. *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. Tradução de Ângela e José Carlos Bernardes. Coimbra: Minerva Editora, 1999.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- FEITOZA, Mirna. *A imagem do real, a espetacularização da realidade através do telejornalismo*. Manaus: Editora Universidade do Amazonas, 1996.
- GANS, Herbert. *Deciding what's news: a study of CBS Evening News*. New York: Pantheon Books, 1979.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê, 1987.

⁶ Uma informação divulgada no dia 11 de junho de 2008 em blog da TV Record associa a veiculação de uma série de reportagem ao aumento da audiência do telejornal da emissora, que teria atingido 17 pontos: "Além das principais notícias do Brasil e do mundo, o Jornal da Record apresentou o segundo episódio da nova série de reportagens especiais: "Saúde Pública: salve-se quem puder". Disponível em: <http://tvrecord.blogspot.com/2008/06/jornal-da-record-registra-17-pontos-com.html>. Acesso 04/07/2008.

⁷ A série Desejos do Brasil, veiculada em 2006 no Jornal Nacional, foi apresentada pela TV Globo como um diferencial na cobertura da campanha presidencial daquele ano. O projeto incluiu a participação do jornalista Pedro Bial, também apresentador do Big Brother Brasil, e foi posteriormente convertida em um produto da Globo Marcas: Caravana Jornal Nacional DVD 1 e Caravana Jornal Nacional DVD 2.

-
- GUZMÁN, M.D. AGUADED, J.I. e CORREA, R. I. *Televisión y espectáculo de la realidad*. In <http://www.felafacs.org/dialogos/pdf55/aguaded.pdf>
- LERNER, DANIEL & WILBUR SCHRAMM (org.). *Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento*. São Paulo: Melhoramentos, 1973
- MENDONÇA, Kléber. *A punição pela audiência, um estudo do Linha Direta*. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- MORÁN, José Manuel. *A informação na televisão: critérios editoriais*. In Revista Comunicação e Sociedade. N.º 14, 1986. São Bernardo do Campo: Umesp.
- PEREIRA JR. Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- ROGLÁN, Manuel & EQUIZA, Pilar. *Televisión y lenguaje: aportaciones para la configuración de un nuevo lenguaje periodístico*. Barcelona: Ariel, 1996.
- SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy, o âncora no telejornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Aprender telejornalismo, produção e técnica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- STEINBERGER, Margareth Born. *A ética do jornalismo latino-americano na geopolítica da pós-modernidade*. In Desafios da Comunicação. DOWBOR, L. IANNI, Otávio (org.) Petrópolis: Vozes, 2000.
- TEMER, Ana Carolina P. *Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo*. Rio de Janeiro: Sotese, 2002.